



Ela: Documentário Poético e a Prática do Jornalismo Subjetivo¹

Luana Paula CANDATEN²

Daiane FREIRE³

Daniela Cristina TONDOLO⁴

Douglas SCHULER⁵

Ediane Bazanella ZANELLA⁶

Jean Carlos Prado de SOUZA⁷

Juliano Pilger do AMARAL⁸

Laíze Zanon TURRA⁹

Leonides José VOITACK¹⁰

Mariana Lazzare MONTEPÓ¹¹

Universidade Federal de Santa Maria, Frederico Westphalen, RS

RESUMO

O documentário poético *Ela* refere-se a quatro elementos presentes na cidade de Treze Tílias em Santa Catarina. Foi elaborado no segundo semestre de 2010 na disciplina de Laboratório de Telejornalismo III. Os quatro elementos presentes no filme são reflexo de um elemento maior que somente é apresentado no desfecho do mesmo. A escolha da cidade de Treze Tílias se deu devido a peculiaridade dela abrigar a maior população austríaca no Brasil, que a princípio parece ser o tema central do documentário, no entanto, este é apenas um jogo poético, para camuflar a ideia principal.

PALAVRAS-CHAVE: documentário; Treze Tílias; Ela; Áustria; poético.

SOBRE O OBJETO DO DOCUMENTÁRIO

Em 1933 imigrantes austríacos chegaram ao meio oeste Catarinense na tentativa de encontrar um local com topografia semelhante a do estado do Tirol, na Áustria. Houve um plano de colonização liderado pelo então ministro da agricultura da Áustria

¹ Trabalho apresentado no Intercom Júnios sub-área 4 – Comunicação Audiovisual do XII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul e realizado de 26 a 28 de maio de 2011.

² Aluno líder do grupo e estudante do 7º. Semestre do Curso de Jornalismo da UFSM/Cesnors, email: luanacandaten@hotmail.com

³ Jornalista formada pelo Curso de Jornalismo da UFSM/Cesnors, email: dai.freire@hotmail.com

⁴ Estudante do 7º. Semestre do Curso de Jornalismo da UFSM/Cesnors, email: daniela.cristina@hotmail.com

⁵ Estudante do 7º. Semestre do Curso de Jornalismo da UFSM/Cesnors, email: schuler.douglas@hotmail.com

⁶ Estudante do 7º. Semestre do Curso de Jornalismo da UFSM/Cesnors, email: edijornalismo@gmail.com

⁷ Estudante do 7º. Semestre do Curso de Jornalismo da UFSM/Cesnors, email: jeanpradoufsm@gmail.com

⁸ Estudante do 7º. Semestre do Curso de Jornalismo da UFSM/Cesnors, email: juka_2903@hotmail.com

⁹ Estudante do 7º. Semestre do Curso de Jornalismo da UFSM/Cesnors, email: izeturra@hotmail.com

¹⁰ Estudante do 7º. Semestre do Curso de Jornalismo da UFSM/Cesnors, email: jubaleo1@yahoo.com.br

¹¹ Estudante do 7º. Semestre do Curso de Jornalismo da UFSM/Cesnors, email: marianalm_15@hotmail.com



Andreas Thaler, com o intuito de fugir da grave crise econômica que antecedeu a Segunda Guerra Mundial.

Chamada carinhosamente de “pedacinho da Áustria no Brasil”, Treze Tílias é reconhecida como a maior colônia austríaca do país, também nomeada “O Tirol Brasileiro”, por apresentar arquitetura típica, tradições e costumes que remetem diretamente à cultura de origem. Quando os tirolezes chegaram a Santa Catarina, já residiam naquela região alemães e italianos. No entanto, a cultura e a união do povo austríaco foi o que marcou e preservou os costumes até hoje, desde a língua (alemão), até a arquitetura, passando pela culinária e pelas danças. Para representar a força cultural dessa cidade através dos setenta e sete anos de colonização foi dado enfoque à vida de Dona Caroline Concatto, senhora de setenta e sete anos, de origem austríaca, (descendente da família Mitterer) e como essa personagem atuou e interagiu com os acontecimentos da cidade, pelo fato de ter crescido e construído sua história junto à história de Treze Tílias. E, a todo momento, a vida de Dona Caroline se confunde com a história da cidade, a ponto de parecer uma só.

Além da vida de dona Caroline, estiveram presentes também mais três elementos femininos secundários: a cultura austríaca presente na cidade de Treze Tílias, a flor Edelweiss que é a flor do amor (e que pode viver mais de 100 anos fora do hábitat natural) além da própria cidade. Assim, esses quatro elementos fazem parte de um elemento maior, o elemento principal, sendo que esse só é desvendado no final do documentário.

O vídeo documentário visa refletir sobre a vida, tendo como base a relação de Dona Caroline com a ilustre cidade turística de Treze Tílias – idealizada por Andreas Thaler quando refugiou-se no Brasil devido a I guerra mundial que afetava a economia da Europa. Dona Caroline e Treze Tílias, ambas com 77 anos, vivenciam a rotina de manter a cultura austríaca sem fechar as portas para o desenvolvimento. Além da idade, e de serem austríacos, muitas semelhanças podem ser listadas entre as duas personagens, como a preservação dos traços culturais e outras tantas que ficam evidenciadas no decorrer da trama.

A NARRATIVA DO DOCUMENTÁRIO



Para desenvolver o objeto escolhido, optamos por uma proposta de documentário poético, o qual possibilitou maior exploração do tema. Pretendeu-se dessa maneira mostrar de uma forma subjetiva como a cultura estrangeira luta para sobreviver fora de seu país de origem, ao retratar a cidade de Treze Tílias, a cultura de seu povo e a personagem Caroline Concatto. Toda esta trama serviu para desenvolver a ideia principal: vida. A escolha do objeto está diretamente relacionada a curiosidade do mesmo, por se tratar de um contexto incomum. Importa saber que outro objeto poderia ter sido escolhido para retratar o tema vida, no entanto, as individualidades encontradas na história dos personagens foram suficientemente representativas, encaixando-se nos moldes da linguagem poética.

De acordo com Nichols:

O modo poético sacrifica as convenções da montagem em continuidade, e a ideia de localização muito específica no tempo e no espaço derivada dela, para explorar associações e padrões que envolvem ritmos temporais e justaposições espaciais. (NICHOLS, 2005, p.138)

Como a ideia era associar as características dos personagens secundários ao tema central, deixando confusa do início ao fim a verdadeira intenção do filme, fazendo as histórias de um e de outros confundirem-se para culminar no tema central, o documentário poético foi o que melhor se encaixou na proposta.

Uma das motivações para a produção do vídeo documentário partiu da curiosidade de contrapor os paralelos existentes entre os preconceitos sociais: de modo geral se tem a visão de que as cidades pequenas não são desenvolvidas, assim como consideram-se os idosos inativos. Treze Tílias e Dona Caroline desmistificam essa pseudo-realidade, ela com sua intensa participação social e o povo da cidade, ao manter viva a cultura austríaca, mesmo estando distante do país de origem de seus antepassados. Assim, com o filme, levantamos alguns questionamentos como: até quando ou quão fortes são os costumes, e de que forma uma cultura pode se beneficiar da outra?

Assim como a obra “Nós que aqui estamos por vós esperamos” de Marcelo Masagão, resolvemos “brincar” com as imagens e histórias, assim como na obra citada, onde ele conta a história do século XX através da ironia e da banalização da morte. Essa é a obra na qual nos baseamos para fazer a montagem do documentário, reforçando assim como Masagão, a ideia de que todos somos diferentes e iguais ao mesmo tempo. Enquanto o autor intercalou a vida de pessoas famosas com a vida de pessoas comuns, para mostrar que ambas terão o mesmo fim, nós arriscamos intercalar a vida de uma



senhora austríaca com a vida de uma cidade e uma cultura, comparando um ser vivo, as elementos que só tem vida pela ação do homem, também na intenção de mostrar a vida de um lado, e a morte de outro.

Como fio condutor do filme documentário utilizamos trechos da poesia de Machado de Assis, intitulada “Quando Ela fala”, intercalados com textos por nós elaborados, isso para despertar a ideia no leitor de que o *Ela* refere-se, a primeira vista, à uma mulher, Dona Caroline, mas, em outros momentos refere-se a cultura, refere-se a cidade, refere-se a flor Edelweiss. Todavia, ainda assim, o filme passa o tempo inteiro a impressão de que se trata de uma história de amor entre homem e mulher. A grande jogada é no ápice do filme colocar todos os elementos em choque, para depois desvendar que o *Ela* refere-se a vida, um amor primordial, que viria antes de todos os outros.

Usando o como fio condutor o texto narrado, por mais que as imagens pudessem parecer confusas, o texto esclarecia as cenas puxando ganchos para novas informações – além das mais variadas formas de interpretação. Bernard explica que:

O fio condutor é o elemento da história que leva o filme adiante, do começo ao fim. Tenha um bom fio condutor que o faça avançar, e você poderá incorrer nos desvios necessários para a exposição, em uma teoria complexa, fazer uso de personagens adicionais – tudo o que quiser. (BERNARD, 2008, p. 17)

Isso explica porque, pela narração, utilizada como fio condutor, ter sido bem desenvolvida, com frases carregadas de subjetividade, foi possível mostrar os personagens secundários um a um, sem deixar que isso atrapalhasse o andamento do filme. As características em comum entre os personagens – vivos ou estáticos – eram retomados a cada fala do narrador, colocando-os numa situação de igualdade, que culminou na apresentação do tema central.

Todos os elementos do filme, apesar de colocados numa situação de subjetividade, mostram a realidade dos fatos, em situações concretas. Isso garante a legitimidade do documentário, pois, como afirma Bernard (2008, p. 5) “No âmbito dessa subjetividade, contudo, existem algumas diretrizes básicas para a filmagem de documentários. O público confia nos documentários” pois sabem que eles trabalham com elementos da realidade não ficcional.

CONCLUSÃO



O filme documentário *Ela*, como experiência de produção de filme poético, mostrou que muitas vezes ser subjetivo pode ser mais difícil do que ser objetivo. Enquanto todas as demais disciplinas da grade curricular de jornalismo trabalham com a objetividade, o documentário oferece portas extras, para a produção de um material diferenciado, que foi o que nos propomos a fazer.

Ser subjetivo não significa ser vazio. Não significa simplesmente jogar imagens e palavras e deixar que o interlocutor tire suas conclusões. Por isso, o documentário poético apresentou-se ainda mais complicado em sua produção, uma vez que, sendo subjetivo, precisava também ser compreensível a qualquer pessoa que se deparasse com o filme.

O documentário *Ela*, abordou uma temática ampla, mas utilizou-se de personagens bem particulares, que, durante toda a narrativa foram sendo apresentados como únicos e ao mesmo tempo, semelhantes a cada um de nós. A escolha de cada imagem, bem como seu enquadramento, representam significados denotativos, colocados de maneira a ampliar o entendimento do texto narrado pelo locutor.

REFERÊNCIAS

ASSIS, Machado de. **O Almada & outros poemas**. São Paulo: Globo, 1997.

BERNARD, Sheila Curran. **Documentário**. Técnicas para uma produção de alto impacto. Rio de Janeiro: Elsevier, 2008.

Nós que aqui estamos por vós esperamos. Direção de Marcelo Masagão. Brasil: 1998. 55 min.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário**. 4. ed. São Paulo: Papyrus, 2005.